MÍRIAM LEITÃO

HISTÓRIA DO FUTURO

O HORIZONTE DO BRASIL NO SÉCULO XXI

intrínseca

HISTÓRIA DO FUTURO

MÍRIAM LEITÃO

HISTÓRIA DO FUTURO

O HORIZONTE DO BRASIL NO SÉCULO XXI

intrínseca

COPYRIGHT © 2015 BY MÍRIAM LEITÃO

PREPARAÇÃO
KATHIA FERREIRA

REVISÃO
EDUARDO CARNEIRO
VANIA SANTIAGO

CAPA E PROJETO GRÁFICO
CLAUDIA WARRAK

TRATAMENTO DE IMAGENS
Ô DE CASA

FOTO DA AUTORA
LEO AVERSA

CRÉDITOS DAS IMAGENS
PP. 10, 26, 68, 116, 212, 274, 298, 336, 358, 396 / SHUTTERSTOCK.COM
P. 14 / ELENA DIJOUR / SHUTTERSTOCK.COM
P. 242 / THOMAS HOEPKER / MAGNUM PHOTOS / LATINSTOCK
P.432 / ERICH HARTMANN / MAGNUM / LATINSTOCK
PP. 458-459 / WILLIAM HENRY FOX TALBOT / GETTY MUSEUM

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L549H

LEITÃO, MÍRIAM, 1953-.
HISTÓRIA DO FUTURO: O HORIZONTE DO BRASIL NO SÉCULO XXI / MÍRIAM LEITÃO. — 1ª ED. — RIO DE JANEIRO: INTRÍNSECA, 2015.
480 P.; 23 CM.

INCLUI BIBLIOGRAFIA E ÍNDICE
ISBN 978-85-8057-785-3

1. BRASIL — CONDIÇÕES ECONÔMICAS. 2. ECONOMIA. 3. DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO — BRASIL. I. TÍTULO.

15-24149 CDD-330.981
CDU-338.1 (81)

[2015]
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À
EDITORA INTRÍNSECA
RUA MARQUÊS DE SÃO VICENTE, 99 | 3º ANDAR – GÁVEA
22451-041 RIO DE JANEIRO RJ
TEL / FAX (21) 32067400
WWW.INTRINSECA.COM.BR

Para o Sérgio,
com quem visito o futuro.

“Time present and time past
Are both perhaps present in time future
And time future contained in time past.
If all time is eternally present
All time is unredeemable.”

T.S. ELIOT

"O tempo presente e o tempo passado
Estão ambos, talvez, presentes no tempo futuro
E o futuro contido no tempo passado.
Se a plenitude do tempo é eternamente presente,
O tempo, como um todo, é irredimível."

T.S. ELIOT

tradução Oswaldino Marques

sumário

PREFÁCIO O futuro não está escrito 10
APRESENTAÇÃO Os avisos do tempo 14

A terra que recebemos por herança 26
1 A fortuna e o destino 28

A nova demografia 68
2 O futuro da gente 70

Caminhos e tropeços da educação 116
3 A maior das tarefas 118

Economia em várias frentes 158
4 A agenda interrompida 160

Um país de classe média 212
5 Desigual e em movimento 214

Terra em transe na política 242
6 A roda-viva 244

O desafio da saúde 274
7 A receita da cura 276

As novas fontes da energia 298
8 Água e vento na terra do sol 300

O futuro da agricultura 336
9 Plantando nos campos do Senhor 338

Tecnologia, comunicação, ciência 358
10 Embarque nas fronteiras do impossível 360

Cidade, o ponto de encontro 396
11 Terra é um planeta urbano 398

Mundo, mundo, vasto mundo 432
12 Em turbulência e em transição 434

CONCLUSÃO Em nome dos filhos 460

AGRADECIMENTOS 467
SIGLAS 470
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 473
ÍNDICE REMISSIVO 478

O FUTURO
NÃO ESTÁ ESCRITO

PREFÁCIO

O Brasil está prisioneiro do imediato. O presente virou um redemoinho que suga e impede o país de escrever seu futuro. A crise que nos atinge em várias frentes assusta e paralisa.

Somos o primeiro país em biodiversidade do mundo. E daqui em diante o planeta precisará mais dela. Somos o segundo maior reservatório de água doce. No futuro a escassez será recorrente. Temos o maior potencial de energia renovável por quilômetro quadrado. A maior floresta tropical do mundo não precisa ser derrubada para ampliarmos a produção porque as técnicas de produtividade estão dominadas. Somos e seremos do reduzido grupo de países fornecedores de alimentos.

Tempos de crise fazem o país esquecer suas vantagens e não ver o futuro. Retrocessos nos deixam desolados. É urgente olhar para a frente. O número de brasileiros não é tão grande que seja um peso nem tão pequeno que seja um limitador. O envelhecimento da população exigirá gastos maiores em saúde. No mercado de trabalho a janela demográfica está aberta no melhor momento para aproveitarmos a oportunidade. Mas essa janela começa a se fechar. Somos um país ainda jovem, que amadurece.

A população vai, nas próximas décadas, aumentar, estabilizar, inverter a curva e encolher. Ao longo do século, o número de brasileiros diminuirá pela primeira vez em nossa história. A cada movimento, a demografia imporá desafios enormes. Se eliminarmos

as barreiras do preconceito, a diversidade humana será nosso grande ativo para que possamos ter uma classe média e uma elite com a cara do país.

Nos próximos 30 anos, vamos apressar o passo em educação, não por um lema de governo. As famílias valorizam mais a educação, a sociedade se mobiliza e pessoas estão neste momento vivendo histórias emocionantes de superação desse déficit que nos apequena.

O Brasil escolherá seus governantes democraticamente. Por mais tumultuada que seja a cena política, será possível isolar as vozes radicais nas crises institucionais, porque já superamos a sina de república interrompida por ciclos autoritários. O combate à corrupção será feito com a tenacidade com que derrotamos a ditadura, a hiperinflação, e estamos reduzindo a pobreza. Não será fácil, porque nada foi fácil, mas o país criou instituições robustas. Dos avanços nessa luta surgirão novos líderes políticos e um renovado ambiente de negócios. A democracia, contudo, é tarefa da vida inteira e continuará sendo aperfeiçoada nas próximas décadas.

A economia sairá dessa crise como saiu de outras que ameaçaram roubar nosso futuro. Hoje temos um mercado interno mais amplo, estabilidade monetária e muito talento empreendedor. O governante leniente com a inflação conhecerá o mau humor dos brasileiros. Nossa saga pela moeda estável criou valores definitivos. Temos que seguir, no entanto, um roteiro exaustivo de correção e retirada de obstáculos à competitividade e à integração ao mundo. A vantagem é que conhecemos a lista de tarefas.

O planeta está em turbulenta transição. A revolução tecnológica, a mudança climática e a aceleração do tempo mudarão radicalmente a forma como vivemos. Não há tempo para improvisos e os erros custarão mais caro. O futuro será implacável com os países que não se prepararem para ele.

Em cada área analisada neste livro — meio ambiente e clima, demografia, educação, economia, classe média, política, saúde, energia, agricultura, tecnologia, cidades, mundo — o exercício de olhar as próximas décadas inquieta e estimula. Temos trabalho urgente e possibilidades valiosas na nova era.

Este livro é uma reportagem sobre o horizonte do país. Por isso ele se chama *História do futuro*. As entrevistas, análises de dados,

viagens e relatos de pessoas me convenceram de que há tendências que não podem ser ignoradas. Há projetos em andamento que podem dar certo. Há riscos aos quais estamos desatentos. Há vantagens não exploradas. É o momento de fazer o esforço de acertar o telescópio que aponta o que será ou pode ser o Brasil. Com conhecimento maduro dos nossos defeitos e das nossas virtudes.

OS AVISOS DO TEMPO

APRESENTAÇÃO

Na vida dos países há momentos decisivos. Este é o nosso. Países, como pessoas, vivem períodos em que nenhum fato relevante acontece. Como se o tempo parasse. Depois a história se acelera. Foi assim nos 14 anos entre a chegada da corte portuguesa ao Brasil e a independência; e no biênio que nos trouxe abolição e república. Vivemos agora outra hora de escolhas decisivas neste que é o mais longo período democrático desde a queda da monarquia. Aqueles foram momentos fundadores do país; agora é a chance de lançar as bases para o futuro ou vivermos o risco de perdê-lo.

Quando a crise é aguda, nada se vê no horizonte. Em uma viagem de trabalho à Argentina, em 2003, fui filmar um panelaço que saiu às ruas. Em determinado momento, perguntei a uma mulher por que ela estava na manifestação e ela respondeu em tom de aflição: "*No hay futuro, no hay futuro*". Entendi então que é isso que derrota uma pessoa, um país.

Em época de transição, com abruptas mudanças de cenário, previsões categóricas envelhecem. Não tenho pretensão de fazer previsões e sim de ajudar com aquilo que o meu ofício me ensinou. Jornalista deve olhar os sinais, entrevistar quem sabe, analisar os dados. Neste livro, uso as ferramentas que a profissão me deu para fazer a prospecção das sementes do tempo que virá. Algumas delas já estão presentes entre nós. Podem frutificar ou não. Tudo depende do mapa que seguirmos para chegar ao objetivo. O futurólogo

australiano Peter Ellyard diz em seu livro *Destination 2050* que "nós não podemos criar um futuro que inicialmente não imaginamos".

Imaginemos o nosso sobre bases sólidas, uma vez que tudo depende muito das decisões que tomarmos. O curto prazo, às vezes, nos faz reféns do pensamento negativo, mas é possível supor que o Brasil atingirá níveis elevados de desenvolvimento nas próximas décadas e que a população, mais rica, menos desigual, terá acesso à educação de qualidade. Que a economia será mais forte, mantendo padrões sustentáveis de crescimento, e que o país será estratégico para o mundo como reserva de biodiversidade e fonte de alimentos.

Alguns avanços estão em nossas mãos. Em dez anos, o Brasil pode dobrar sua produção de grãos, continuar elevando o volume das safras nos anos seguintes e, ao mesmo tempo, alcançar o desmatamento líquido zero. Esse caminho está mapeado. Já sabemos como fazer. Somos o país com maior biodiversidade no mundo, temos terra e água em abundância. Parece uma afirmação alienada para quem tem em mente a crise hídrica de 2014-2015. O futuro de escassez, de risco de colapso de abastecimento, de conflitos entre entes federados pelo direito a rios comuns nos visitou. No mapa hídrico global, no entanto, aparecemos com a cor dos que têm maior abundância de água. Podemos superar o perigo se ouvirmos os avisos do tempo.

O clima está mudando e isso afetará todas as dimensões da vida, da produção no campo ao cotidiano nas cidades; da política internacional à matriz energética. Este é o pano de fundo inevitável de quem quer se antecipar aos eventos das próximas décadas.

Para escrever este livro entrevistei, durante três anos, profissionais de áreas diversas. Analisei, em duas longas reuniões com a direção do IBGE e em conversas com outros três especialistas, as estatísticas de população. Além de demógrafos, consultei economistas, climatologistas, biólogos, engenheiros florestais, especialistas em agricultura, energia, educação, saúde, política nacional e internacional, tecnologia. Li vários estudos e conferi dados. Procurei também pessoas que com suas histórias de vida ilustrassem o que os números mostram. Tive ajuda de uma equipe de jornalistas competentes: Álvaro Gribel, Valéria Maniero e Débora Thomé. O futuro é feito de incógnitas e surpresas, e de escolhas. A conjuntura muda constantemente, porém há tendências que já estão decididas.

• • •

Na manhã de uma semana confusa, eu fui ao 22º andar do prédio da Petrobras, no Centro do Rio de Janeiro, conversar com sua então presidente, Graça Foster. A pauta jornalística estava ocupada por controvérsias sobre a maior empresa do Brasil. As notícias eram péssimas e era só o começo. A crise pioraria muito nos meses seguintes.

Este livro me ensinou a sobrevoar as emergências diárias e a olhar além do fato imediato. Pedi uma conversa sobre os cenários da estatal e do petróleo e durante uma hora, 35 minutos e 32 segundos Graça respondeu às minhas perguntas sobre o planejamento estratégico para 2030 com uma calma que não denunciava o tamanho do fosso do qual a empresa se aproximava. Eu desligava o gravador quando o presente invadiu como um bólido a nossa conversa. Pálido, um assessor interrompeu o encontro e disse:

— Eduardo Campos acaba de morrer num acidente aéreo.

Era o trágico dia 13 de agosto de 2014, em que o país perdeu um jovem político com carreira promissora, que concorria à Presidência com a esperança de ser uma alternativa à polarização PT × PSDB. Um pedaço do futuro político do país acabava de desaparecer. Corremos, Graça, eu e Mirian Guaraciaba, então assessora de imprensa, até a sala das secretárias, que, de pé, estáticas, tinham os olhos grudados na televisão. Assumimos a mesma posição de espanto.

Uma nova etapa da eleição começava a partir daquela tragédia, pensei, enquanto me dirigia à sede de *O Globo*. As oscilações nas pesquisas foram intensas e os partidos que disputavam a Presidência tiveram de refazer suas estratégias.

Outras mudanças drásticas aconteceram nos seis meses seguintes. O preço do petróleo caiu para um nível que não estava no radar de nenhuma empresa do mundo. A diretoria foi trocada e Graça perdeu o cargo. Uma agência de risco rebaixou a nota da estatal, ela perdeu o selo de bom investimento e passou a ser um ativo de risco. Para enfrentar a crise precisou alterar seu planejamento.

Você pode pensar que a entrevista foi perda de tempo porque muita coisa mudou na empresa e no mercado em que ela atua. Aprendi que, mesmo em um tempo nervoso, quando a terra treme,

a utilidade de uma conversa sobre o longo prazo permanece. Baseada não no cargo que exercia, mas em sua experiência de 35 anos no setor, Graça me disse que o Brasil será um grande produtor de petróleo, o mundo vai usar menos combustíveis fósseis, haverá um imposto mundial sobre emissões. Ela previu a queda do preço do petróleo, mas pensava que ele cairia menos e mais tarde.

Especialistas em energia ou em mudanças climáticas dizem que o petróleo é uma grande riqueza, mas temporária, e que o quadro energético do mundo passará por muitas transições nas próximas décadas com a ampliação das fontes que emitem menos gases de efeito estufa, como as que vêm do vento e do sol.

O presente é intenso, a agenda está lotada de emergências e a realidade internacional vive tendo reviravoltas. Ainda assim é possível e necessário investigar a evolução mais provável dos acontecimentos. Foi o que achei fascinante ao longo da realização da pauta que me impus para este livro.

A minha convicção é que o Brasil tem projeto, ao contrário do que tantos pensam, e o vem construindo por etapas. E que se tivermos clareza dos desafios, das chances e dos riscos que já estão contratados será mais fácil nos prepararmos para eles. Cada avanço exigiu um esforço enorme de construção de alianças modernizantes. Temos vivido uma história de superação. A linha do tempo das últimas décadas mostra que o país passou bem por uma lista impressionante de desafios: venceu a ditadura, a hiperinflação, passou a avaliar a qualidade da educação, rompeu a paralisia diante da exclusão de pobres e negros, reduziu a pobreza. Enfrenta a corrupção de forma surpreendente.

Naquele 15 de novembro de 2013 em que os condenados do mensalão foram presos, o país atravessou, meio incrédulo, uma barreira de indiscutível importância. A da impunidade dos poderosos. Um ano depois, também em 15 de novembro, houve outro fato inesperado: executivos de empreiteiras foram para a cadeia em meio ao rumoroso caso da Petrobras. Alguém pode concluir que o segundo caso mostra que nada se aprendeu com o mensalão. É uma visão. A pessimista. Mas, pondere, ninguém imaginava que enfrentar a corrupção na política fosse simples. Como não foram fáceis as vitórias que tivemos sobre a ditadura e a hiperinflação.

O brasileiro está insatisfeito com a democracia, desconfia dos políticos e acha que o governo gasta mal o dinheiro que sai do seu bolso. Esse descontentamento fortalece a democracia e não o contrário, e é ele que fará o país continuar aperfeiçoando as instituições. Não haverá reforma que, por mágica, corrija todos os defeitos do sistema político, mas o país passará nas próximas décadas por várias mudanças na forma de votar e de organizar a relação entre o eleitor e seu representante.

O que hoje parece definitivo é alterado a cada dia. Por isso o sociólogo espanhol Manuel Castells, que sempre avisou sobre a formação de alianças digitais para influir no mundo político real, começa seu livro *Redes de indignação e esperança* com uma frase curta e sincera: "Ninguém esperava". Ele se referia às manifestações que eclodiram em 2011 no mundo árabe. "Os movimentos espalharam-se por contágio num mundo ligado pela internet sem fio e caracterizado pela difusão rápida, viral de imagens e ideias." Os desdobramentos dos fatos continuaram sendo inesperados, para o bem e para o mal. É nesse mundo fluido, em que o especialista admite ter sido surpreendido, que temos de olhar para a frente e nos preparar para o novo tempo. Ele será de mudanças constantes. O mais instigante deste momento é esta aparente contradição: vivemos o tempo do imprevisível e nunca foi tão importante pensar no futuro.

A tecnologia está no meio de um processo revolucionário que afetará todos os aspectos da vida. No livro *A nova era digital*, os presidentes do Google, Eric Schmidt, e do Google Ideas, Jared Cohen, preveem que, até 2025, "a maior parte da população mundial terá saído, em uma geração, da quase total falta de acesso a informações não filtradas para o domínio de toda a informação do mundo através de um aparelho que cabe na palma da mão. Se o ritmo atual de inovação tecnológica for mantido, a maioria da população da Terra estará on-line". Isso está mudando o modo de vida a uma velocidade impressionante e com impactos em todas as áreas.

A sociedade brasileira foi assentada sobre a tragédia da escravidão, que deixou sequelas que estamos começando a enfrentar. Nenhum momento é melhor do que agora para olhar isso de frente, já que estamos melhorando: negros estão em plena ascensão, indí-

genas buscam protagonismo. A elite e a classe média têm que refletir melhor a diversidade do país e as distâncias sociais precisam ser superadas. No final de 2014, fui com meu filho Matheus a dois compromissos no espaço de 24 horas. Na primeira noite, um evento no Cemitério dos Pretos Novos, na Gamboa, Zona Portuária do Rio de Janeiro; na segunda, uma festa no Copacabana Palace, na Zona Sul. Ele disse que parecia uma viagem entre dois mundos e não dois pontos da mesma cidade. Essa partição nega nossa natureza e conspira contra o futuro.

A paisagem demográfica brasileira vai mudar radicalmente nas próximas décadas. Este é o primeiro século da nossa história em que a população vai diminuir. O Brasil terá ainda um aumento populacional até o fim dos anos 2030 e o começo da década de 2040. Depois, o número de brasileiros começará a diminuir. Essas fortes oscilações demográficas exigirão muito dos governantes, das empresas, das famílias.

Não se negocia com a demografia. O que se pode fazer é entendê-la. A cada nova pesquisa do IBGE veremos a face do país mudando: a população viverá mais, ficará mais velha e haverá menos crianças. O setor da saúde precisa ficar mais eficiente porque ela será cada vez mais cara. Temos que nos preparar sabendo o que vai acontecer. O futuro será mais exigente e estamos atrasados. O país pode ser levado ao pior dos dilemas: escolher entre seus velhos e suas crianças. Nós nos aproximamos do máximo de número de brasileiros e a população está no auge da sua capacidade produtiva e de aprendizado. É agora o momento das decisões. Depois será tarde.

Foi extraordinário o salto econômico e social que o Brasil deu nas primeiras décadas da democracia. No futuro da moeda, que já começou, as famílias precisam aprender a poupar; as empresas, a depender menos do Estado; o governo, a tirar menos recursos da sociedade e ser mais eficiente. Quando, no primeiro mandato de Dilma Rousseff, o governo deu passos perigosos na economia, várias pessoas me perguntaram se o descontrole inflacionário voltaria. Respondi que não. Não por otimismo em relação às escolhas das

autoridades, mas sim confiança de que a população brasileira não aceitaria a volta ao tempo da hiperinflação. A moeda estável é a base de todos os avanços econômicos e sociais desde 1994.

Há especialistas com os quais é mais fácil conversar sobre o longo prazo, como os climatologistas e os demógrafos. Em certas áreas, entre elas a economia, é mais difícil, porque o ambiente de crise cria muita névoa e impede a visão. Um exercício interessante é separar no presente o que pertence ao passado, com o qual já se rompeu, e o que é o começo do tempo novo, que devemos buscar. O inflacionismo é velho. Mas a ideia de que se pode conviver com um pouco mais de inflação reapareceu e, recentemente, contaminou a política econômica. Isso provocou retrocessos e exigiu ajustes para retomar o caminho de reformas que nos preparem para novos desafios.

Para separar o velho do novo pense no mercado de trabalho. Na terceirização há sinais dos dois elementos. Os flagrantes de trabalho análogo à escravidão mostram que não foram suficientes os esforços para enterrar o passado. É a terceirização perversa. Mas existe uma nova e moderna. O tempo atual requer relações trabalhistas mais flexíveis entre empregadores e funcionários, nas quais se incluem contratos com prestadores de serviço. As novas modalidades nascem das mudanças da tecnologia e vão moldar o mundo do trabalho.

A educação será tema central em todos os diálogos no interior das casas, nas empresas e nos órgãos públicos em que as projeções forem feitas com seriedade. É um desafio para todos os países do mundo, mas nesse setor o Brasil está mais atrasado que muitos deles. Só no final do século passado buscou a universalização do Ensino Fundamental, a mais elementar das tarefas. As missões são múltiplas: melhorar a qualidade do ensino, manter os jovens na escola, qualificar os trabalhadores, ampliar horizontes, treinar as mentes para a era das revoluções tecnológica e científica. O conhecimento não é mais uma caixa de saber transferida de uma geração para outra. Os alunos de hoje viverão em um tempo bastante diferente. A maneira como a mente funciona está sofrendo uma mutação na passagem do mundo analógico para o digital. Se não houver reformas urgentes na educação deixaremos escapar nosso momento. Países podem fracassar, como sabemos. Se a economia

se desorganizar, podemos voltar a estabilizá-la. Se o país não crescer por alguns anos, vamos procurar o impulso para a recuperação. Se perdermos os cérebros de uma geração, perderemos o futuro.

E todos os desafios imediatos que estão na agenda brasileira precisam ser superados em um cenário internacional inquieto e em transição. O que está em curso não é uma mera troca de comando no poder global, como houve no passado, com uma potência emergente e outra poente. Uma nova ordem está nascendo.

Os Estados Unidos continuarão sendo a maior potência militar mundial. Além disso, o país tem vasta dimensão territorial, mais de 300 milhões de habitantes, exuberante diversidade humana, sólida capacidade tecnológica e invejável natureza inovadora e empreendedora. As grandes invenções que mudaram a nossa vida nas últimas décadas nasceram, em sua maioria, em empresas americanas.

A China continuará crescendo, em ritmo menor, e aumentará seu poder no mundo. Mas o país tem enormes desafios pela frente para se manter no caminho do progresso. Um deles é atualizar seu sistema político para permitir maior participação dos cidadãos nas decisões. O sistema está obsoleto por qualquer parâmetro contemporâneo, ocidental ou oriental.

Até as democracias consolidadas estão sendo desafiadas pelo novo momento do mundo digital. A internet permitiu a um simples funcionário de uma empresa terceirizada expor as fragilidades e os sigilos do mais poderoso sistema de espionagem. A divulgação dos arquivos secretos da NSA, dos Estados Unidos, confirmou a ficção política de George Orwell, em *1984*, de um superpoder que tudo bisbilhota. A conectividade, porém, é também a arma do cidadão contra ordens tirânicas e desmandos. Ela será usada de forma cada vez mais intensa em todas as áreas da atividade humana e terá esta ambivalência: de um lado cria o risco de governos e grandes corporações controlarem cidadãos e consumidores; de outro, arma as pessoas para que se protejam e encontrem as vulnerabilidades desses poderes.

No século passado, o mundo viu o confronto de duas propostas de poder. A União Soviética perdeu. As duas grandes potências atuais têm uma relação diferente da que imperou na Guerra Fria. Estados Unidos e China são quase irmãos siameses na economia, já

na política internacional, vivem em constante tensão. Esse conflito interdependente atravessará o século XXI. Mas os dois países não serão os únicos jogadores do poder global.

O poder será dividido, compartilhado, multipolar, com alianças estratégicas, e não será apenas governamental. Na nova ordem, potências médias terão protagonismo. O Brasil será determinante em vários aspectos se souber entender a natureza da sua força. Podemos ser relevantes. É preciso conhecer nossos atributos com objetividade e sem ufanismos. Somos uma nação que, por natureza e dimensão, tem a chance de exercer influência nos novos tempos. Vivemos a era das mudanças climáticas e ela imporá desafios extremos à humanidade. O Brasil tem algumas das respostas por sua superioridade na área florestal, na produção de alimentos e como fonte de biodiversidade. O nosso patrimônio ambiental será aliado da mitigação do clima e celeiro das soluções biotecnológicas.

O mundo completará nas próximas décadas a maior onda de urbanização da história. Em 2050, o planeta terá oito vezes mais pessoas nas cidades do que tinha na metade do século passado. O Brasil já fez grande parte da sua transferência de população da área rural para as cidades. Mas isso não reduz nosso desafio. Só a Região Metropolitana de São Paulo terá um acréscimo de população equivalente a quase um Uruguai até 2025. É nas cidades que estaremos, e elas precisam ser mais amigáveis.

Quem escreve sobre o futuro marca um tempo de chegada. Essa é a tendência dos estudos dos especialistas em qualquer área. Aqui não haverá data única. Cada tema permite um horizonte: ora mais amplo, ora mais curto. Um economista, consultado para este livro, me mandou, durante o tempo em que eu o escrevia, uma mensagem perguntando se eu persistia no projeto de avaliar o "mlp do Brasil". Economistas adoram siglas, e o que ele queria dizer era "médio e longo prazo". Sim, o esforço é este, de tentar ver o médio e o longo prazo do Brasil, sem qualquer ano mágico nem data de chegada, sem bola de cristal nem profecias.

Este não é um livro de futurologia. O que me motivou foi a pergunta: qual é o caminho que o Brasil tem de percorrer para ser o país que quer ser? O exercício aqui é o de olhar o tempo. Em um

pequeno artigo para a McKinsey, com o título "Shaping the future", o cientista político Joseph Nye usou uma frase que ele atribuiu ao jogador de beisebol Yogi Berra: "Nunca faça previsões — particularmente sobre o futuro". O erro mais comum nas projeções é considerar que a evolução será linear.

Minha mãe trouxe da sua infância rural uma capacidade misteriosa de investigar o clima. Nas grandes tempestades, ela conseguia dizer quando o sol chegaria; no céu limpo de nuvens, ela lia o prenúncio das chuvas. A vida urbana reduz a sensibilidade aos sinais da natureza, mas o paralelo a ser feito é que, se olharmos atentamente a cena atual do país, veremos no presente os vestígios do passado e os sinais antecipados do futuro. Isso permite aprender com o que foi vivido e interferir no que está por vir. Mesmo numa era de transições e de grandes rupturas.

O convite que faço aos leitores é o de seguir comigo a linha — nada linear — do tempo que nos trouxe do passado ao presente e nos levará ao futuro. Não por predestinação, mas por escolha.

Somente Míriam Leitão, a jornalista mais premiada do país, aceitaria o desafio de olhar para além do imediatismo do presente e mapear o que está por vir. Depois de quatro anos de pesquisas, viagens e entrevistas, ela indica tendências que não podem ser ignoradas em áreas como meio ambiente, demografia, educação, economia, política, saúde e tecnologia. Momentos de crise assustam. Porém, a *História do futuro* contada por Míriam deixa claro que o Brasil dispõe dos recursos para garantir a nossos filhos um país bem melhor. E este futuro começa com decisões tomadas hoje.

WWW.INTRINSECA.COM.BR
ISBN 978-85-8057-785-3